

ANÁLISE DAS TENTAÇÕES DE CRISTO NO DESERTO. *Evangelhos de Mateus 4.1-11, Marcos 1.12-13 e Lucas 4.1-13.*

*Analysis of the temptations of Christ in the desert. Gospels of
Matthews 4.1-11, Mark 1.12-13 and Luke 4.1-13.*

Mauricio Loyola Pinto¹

RESUMO

O presente trabalho refere-se a uma análise dos acontecimentos que sucederam no deserto da Judeia a dois mil anos atrás, envolvendo as três tentações do Nosso Senhor Jesus Cristo por Satanás. Tal evento, registrado nos evangelhos sinóticos teve grande importância para o ministério de Jesus e para toda a humanidade. Quatro pontos são colocados em pauta: a “análise semântica”, que vislumbra o contexto em que é inserido a história e seus significados culturais e espirituais para o início do ministério de Jesus e para vida dos cristãos. A “análise construtiva”, que se refere às diferenças e peculiaridades entre as versões dos evangelhos sinóticos. A “análise geográfica” que descreve os locais em que Jesus sofreu as tentações tanto na forma objetiva como subjetiva. A “aplicação contemporânea”, onde tais análises têm sua aplicabilidade exercida no comparativo com a igreja de Cristo da atualidade.

Palavras-chave: Tentação. Deserto. Deus. Igreja.

ABSTRACT

The present work concerns an analysis of the events that took place in the Judean desert two thousand years ago, involving the three temptations of our Lord Jesus Christ by Satan. Such event, registered in the synoptic Gospels, was of great importance for the ministry of Jesus and for all humankind. Four points are taken: "semantic analysis", which envisions the context in which the story is inserted and its cultural and spiritual meanings for the beginning of Jesus's ministry and for the Christians lives. "Constructive analysis", which refers to the

¹ Graduado em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP) e Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada (FATIN), Especialista em Práxis e Discurso Fotográfico pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Foi professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR). E-mail: verarte2010@gmail.com



differences and peculiarities between the versions of the synoptic gospels. "Geographical analysis", which describes the places where Jesus suffered temptations in both objective and subjective ways. "Contemporary application", where such analysis has its applicability in comparison with the church of Christ of the present time.

Keywords: Temptation. Desert. God. Church.

INTRODUÇÃO

Para que haja entendimento humano sobre as ações do maligno no mundo espiritual, qual sua influência no mundo material, e como o povo de Deus pode agir em relação a suas investidas, se faz necessário um estudo detalhado sobre a passagem Bíblica emblemática das provações de Cristo no deserto da Judéia. Tal estudo visa dar entendimento ao leitor sobre o contexto que está inserido essa narrativa, assim como, confrontar a natureza humana diante dos desafios da vida cristã em relação ao cumprimento da vontade de Deus.

1. ANÁLISE SEMÂNTICA

A tentação de Cristo ocorreu logo após seu batismo por João Batista, como é descrito no Evangelho de Marcos. Assim Jesus iniciou sua Vida Pública. “Por meio do batismo ele se identificou publicamente com o grupo de pessoas que João reconhecia estar moralmente preparadas para o Reino” (GUNDRY, 2001, p. 17).

Após o batismo, Jesus foi levado pelo Espírito Santo para o deserto da Judéia para ser testado por Satanás. Os três Evangelhos Sinóticos descrevem a tentação, porém somente Mateus e Lucas faz um descritivo completo. (TENNEY, 2010, p. 182) Isso aconteceu entre 26 ou 27 d.C. Jesus passa da glória do batismo para a provação no deserto. (GIOIA, 1969, p. 51)

As Escrituras são claras em relação às tentações, ao afirmarem que Jesus não teve alucinações produzidas em sua mente pela fome e desidratação, mas que foi parte do plano divino que Ele fosse tentado pelo inimigo.

“Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo” (Mat. 4.1)



“Jesus, pois, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão; e era levado pelo Espírito no deserto,” (Lc 4.1)

Imediatamente o Espírito o impeliu para o deserto. (Marcos 1.12)

Jesus era filho de Deus, mas veio em carne, sujeito as mesmas aflições, angustias e tentações humanas.

Deus tinha como objetivo provar que seu Filho, perfeitamente divino e perfeitamente humano, viveria toda sua vida terrena, isento de qualquer pecado, qualificando-o como sendo digno de ser o Salvador (2 Co 5.21; Hb. 4.15; Rm. 8.3; 1Jo 2.16; Tg 1.13). O objetivo de Satanás era fazer com que Jesus Cristo, o ungido Filho de Deus viesse a pecar. Um pecado seria suficiente para desqualifica-lo para ser o Salvador, assim o plano de Deus da redenção humana seria frustrado (BÍBLIA KJA, 2012, p. 1753).

1.1A Primeira Tentação

O Jesus humano havia sido fragilizado por sua condição debilitada no deserto após quarenta dias em jejum, tinha que ser tentado para passar pela prova do livre arbítrio, da liberdade e da voluntariedade. Sua carne poderia escolher seu próprio benefício dando voz ao caminho do mal, ou escolher o caminho do bem, vencendo todos os desejos que personificam os desejos humanos. (GIOIA, 1969, p. 51) O jejum era um hábito de disciplina espiritual, onde se orava e se preparava para as grandes tarefas futuras. (RIBAS, 2009, p. 31) Os originais hebraicos e gregos não dizem que Jesus estava somente com fome, mas sôfrego de fome (esfomeado). O diabo sempre pode deixar as tentações atraentes diante das necessidades humanas. (BÍBLIA KJA, 2012, p. 1912)

“E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome”(Mat 4.2).

“Durante quarenta dias, sendo tentado pelo Diabo. E naqueles dias não comeu coisa alguma; e terminados eles, teve fome”. (Lc 4.2).

“E esteve no deserto quarenta dias tentado por Satanás; estava entre as feras, e os anjos o serviam.” (Mc 1.13).

Ao contrário de qualquer tendência racionalista, Satanás não é uma mera tendência ou influência moral, ele é um ente pessoal, racional. A palavra “diabo” em grego significa “acusador”, e em hebraico a palavra “Satanás” tem o mesmo sentido. Satanás é um arcanjo caído e não um



símbolo, e luta contra aqueles que seguem e obedecem a Deus. (RIBAS, 2009, p. 31) Segue algumas passagens que descreve Satanás na Bíblia:

¹⁴Vós tendes por pai o Diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele é homicida desde o princípio, e nunca se firmou na verdade, porque nele não há verdade; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio; porque é mentiroso, e pai da mentira. (João 8:44)

²E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele. (Ap. 12:9)

²Nos quais outrora andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência, (Ef. 2:2)

¹⁴Pois não é contra carne e sangue que temos que lutar, mas sim contra os principados, contra as potestades, conta os príncipes do mundo destas trevas, contra as hostes espirituais da iniquidade nas regiões celestes. (Ef. 6:12)

Satanás é uma criatura de Deus, que habitava nos céus, que se rebelou contra Deus, levando consigo legiões de outros seres celestiais, os quais foram expulsos dos céus e jogados a terra e ao inferno. (GIOIA, 1969, p. 52)

⁴Porque se Deus não poupou a anjos quando pecaram, mas lançou-os no inferno, e os entregou aos abismos da escuridão, reservando-os para o juízo; (2 Pe. 2.4)

³Ora, quero lembrar-vos, se bem que já de uma vez para sempre soubestes tudo isto, que, havendo o Senhor salvo um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu depois os que não creram; ⁴aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, ele os tem reservado em prisões eternas na escuridão para o juízo do grande dia, ⁵assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se prostituído como



aqueles anjos, e ido após outra carne, foram postas como exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno. (Judas 1.5,6,7)

A palavra “tentar”, tem o significado de “testar o que de bom e de mau, de fraqueza e de força” existe no ser humano (RIBAS, 2009, p. 31). Jesus havia passado quarenta dias em jejum. Gioia crê que Jesus em sua condição mental, contemplava a grandeza de suas duas condições, a divina e a carnal (GIOIA, 1969, p. 52). Segundo as escrituras, após esse período Jesus sentiu fome, oportunamente Satanás diante da extrema necessidade que Jesus passava de saciar sua fome, lhe faz sua primeira tentação.

“Chegando, então, o tentador, disse-lhe: Se tu és Filho de Deus manda que estas pedras se tornem em pães.” (Mat 4:3).

“Disse-lhe então o Diabo: Se tu és Filho de Deus, manda a esta pedra que se torne em pão,” (Lc 4:3).

A expressão “se tu és o filho de Deus”, não implica em dúvida de Satanás a respeito da natureza de Jesus, mas uma instigação a Jesus sobre seu próprio poder. “O filho de Deus não tem razão para sentir fome” sugeriu Satanás. Se Jesus atendesse tal sugestão atenderia a suas próprias necessidades. (RIBAS, 2009, p. 31-32)

Gioia diz que, Satanás quis que Jesus, por sua necessidade extrema da fome, como humano cometesse o pecado de desconfiar das promessas e das providências divinas. Gioia cita o Dr. Thurmon Bryant “A maneira pela qual Cristo estabeleceu seu reino foi pelo caminho da cruz, sua morte vicária, e não pelo caminho de compromisso e facilidade. Foi este o ponto central das tentações de Satanás a Jesus.” (GIOIA, 1969, p. 52). “Jesus escolheu uma passagem das Sagradas Escrituras (Dt. 8.3) para responder ao tentador e a todos quanto têm seus valores invertidos por ganância, egoísmo e inveja” (BÍBLIA KJA, 2012, p. 1753).

“Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mat 4:4).

“Jesus, porém, lhe respondeu: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem”. (Lc 4:4).

Jesus poderia ter transformado as pedras em pães, não o fez por dois motivos, primeiro porque não é a Satanás a quem Ele obedece, segundo, porque Jesus confia na providência do Pai celestial e não usaria o poder divino inconvenientemente. Sua vitória é manifesta pela



sabedoria da própria Palavra de Deus, sendo Ele o Cristo, o Verbo, dotado de sabedoria divina poderia usar palavras suas, mas preferiu ser exemplo a todas as gerações, que a vitória sobre o inimigo é encontrada nas próprias Escrituras deixada por Deus para humanidade. Jesus agiu como Adão deveria ter agido, seguiu em obediência a palavra revelada de Deus (GIOIA, 1969, p. 52).

O texto das Escrituras que Jesus citou foi Deut. 8.3:

Sim, ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que nem tu nem teus pais conheceis; para te dar a entender que o homem não vive só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor, disso vive o homem. (Deut 8.3)

A análise do contexto deste texto é importante para um aprofundamento da compreensão da passagem da primeira tentação. No deserto Deus provou seu povo com a fome e com a sede, porem, por suas palavras forneceu-lhes o maná por quarenta anos, e falou pela boca de Moisés para que da rocha saísse água, além de os proverem de todas as outras maneiras para que pudessem viver naquele ambiente hostil do deserto. O segundo Adão personificado em Jesus, agora vence Satanás em um ambiente desértico e árido, diferente do ambiente confortável do Éden (GIOIA, 1969, p. 52). Jesus venceu Satanás pela “Espada do Espírito” citada por Paulo. “Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Ef. 6:17)

O tempo de quarenta dias no deserto personificam de igual forma os anseios da carne daqueles que no passado passaram quarenta anos no deserto e pecaram contra Deus ao não confiarem em sua provisão, sentindo saudades das coisas que se alimentavam no Egito. “Lembramos dos peixes que no Egito comíamos de graça, e dos pepinos, dos melões, dos porros, das cebolas e dos alhos.” (Num 11:5).

Jesus cumpre o mandato do homem como segundo Adão sem cair como o primeiro (Rom 5), e também personifica os libertos do Egito (símbolo do mundo da escravidão dos pecados), porem, sem ter o pecado da desconfiança da provisão e promessas de Deus. “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” (Heb 4:15)



¹⁷Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos, para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo. ¹⁸Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados. (Heb 2:17-18)

Jesus para cumprir sua missão, precisava ser humilhado. Se tivesse transformado as pedras em pães, Ele teria usado de seus poderes para benefício próprio, e não se identificaria com a raça humana. Jesus ao se recusar, mostra ao inimigo que o usaria seus poderes somente em submissão ao plano de Deus. (RIBAS, 2009 p. 32)

Tanney tem faz uma interpretação política das tentações, e chama a primeira tentação de “a tentação de satisfazer apetites físicos”, interpreta as tentações como, relação à cultura imperial a qual Jesus iria enfrentar seu ministério”. Diante da cultura do “pão e circo” imposta por Roma, a resposta de Jesus seria “que a natureza mais profunda do homem não poderia ser satisfeita com coisas materiais. O seu Reino tem objetivos de tratar as necessidades mais profundas que os seres humanos sentem em relação a Deus”. (TENNEY, 2010 p. 182)

1.2 A Segunda Tentação

⁵Então o Diabo o levou à cidade santa, colocou-o sobre o pináculo do templo, ⁶e disse-lhe: Se tu és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito; e: eles te susterrão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra. (Mat. 4:5-6)

Lucas narra essa tentação como sendo a terceira.

⁹Então o levou a Jerusalém e o colocou sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se tu és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; ¹⁰porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito, que te guardem; ¹¹e: eles te susterrão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra. (Lc 4:9-11)



A cidade santa que se refere o texto é Jerusalém, o mesmo local onde a “Shekinah!” – a nuvem resplandecente - símbolo da presença gloriosa de Deus se manifestou no passado. Agora Satanás coloca Jesus em seu pináculo (GIOIA, 1969 p.53).

Jerusalém era a sede política e religiosa da Palestina, e o Templo era o centro religioso, o local sagrado onde o povo esperava a chegada do Messias (Mt 3.1). O Templo era um dos prédios mais elevados, e o pináculo provavelmente era a parte que se projetava para fora da colina (RIBAS, 2009 p. 32).

Gioia diz que essa ação poderia ser real ou pela imaginação, e se o Messias tentasse fazer, seria um feito glorioso, onde ao se jogar nada aconteceria, assim o povo em baixo poderia aclamá-lo como Messias. Diferente da primeira tentação que pretendia fazer com que a desconfiança em Deus nascesse na mente de Jesus, a segunda, ao contrário, colocava Jesus na posição de confiança presunçosa de que Deus o protegeria (GIOIA, 1969 p.53). Neste caso o ego e a glória carnal suplantaria a missão sacrificial pelo qual Jesus tinha consciência que deveria passar.

Satanás foi astuto e mentiroso, usou parte da Escritura fora de seu contexto, desta forma deslocou a ideia original que dizia sobre a vida de obediência e confiança de Jesus para com Deus em todos os seus caminhos. “Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos”. (Salmos 91:11). Caminhos estes que refletiam a total obediência ao Pai, não caminhos de caprichos pessoais. Gioia diz que Jesus percebera que Satanás estava tentando-o a cair no mesmo pecado que o povo de Deus caiu em Massá. O povo havia duvidado da presença de Deus no meio deles para protegê-los, sustenta-los e guia-los (GIOIA, 1969 p.53). Segundo o comentário da Bíblia King James, esse método de omissão de parte do texto Bíblico para se ajustar aos intentos do interlocutor, usado por Satanás, tem se repetido por muitos séculos, na criação e desenvolvimento de inúmeras seitas heréticas. (BÍBLIA KJA, 2012, p. 1753)

O Comentário do Novo Testamento da CPAD, diz que Satanás distorcendo as Escrituras queria fazer parecer que Deus protegeria qualquer pessoa, mesmo que este desafiasse as leis naturais. O Salmo em seu contexto descreve a proteção de Deus aos servos em perigo, não a situações criadas artificialmente por cristão que desejam testar Deus. (RIBAS, 2009 p. 32)



Fillion diz que Jesus não foi tentado como um homem comum, mas como Messias.

A maioria dos judeus de então haviam desfigurado, de forma torpe, o santo e celestial retrato que os profetas tinham traçado do Messias, até torná-lo completamente terreno e desconhecido. O libertador que os judeus esperavam, na concepção deles, deveria aparecer de forma teatral, realizando “estrondosos” milagres, a fim de louvar sua vaidade pessoal, ou a de seu povo, e manifestar-se como rei poderoso, cujo império universal não seria suficiente para satisfazer sua ambição. (FILLION, 2008, p. 320-321)

Essa era a imagem do Messias distorcido que Satanás queria que Jesus realizasse ao tentá-lo em suas três investidas. “Um messias pela graça de Satã”. A cada ataque repellido de Jesus, mais próximo do matadouro ele se encontrava. (FILLION, 2008, p. 320-321)

A resposta de Jesus foi precisa, e novamente Ele faz uso exclusivo das próprias escrituras e rebate o sofisma de Satanás ao citar Deuteronômio 6:16, onde se refere exatamente a Massá.

“Replicou-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus” (Mat 4:7).

“Respondeu-lhe Jesus: Dito está: Não tentarás o Senhor teu Deus”. (Lc 4:12).

Em Deuteronômio 6:16, Moises se referia ao que ocorrera na passagem de Israel pelo deserto, registrada em Ex. 17.1-7, onde o povo prestes a se rebelar, manifestara seu desejo de voltar ao Egito se Moisés não lhe fornecesse água. Nesta ocasião o povo havia testado a Deus dizendo. “Está o Senhor no meio de nós, ou não? O propósito a que Jesus se destinava era o cumprimento da missão dada por seu Pai, mesmo que isso lhe compelisse o sofrimento e morte (como realmente aconteceu).

Tenney apresenta sua interpretação política desta passagem das tentações, e a classifica como “busca de prestígio por meios ilícitos”.

A terceira tentação, que oferecia a Jesus o prestígio, e conseqüentemente uma espetacular manifestação de poder, correspondia à política de propaganda das



conquistas do império com inscrições e monumentos, e com os triunfos militares que lhes eram conferidos após campanhas vitoriosas. Jesus repudiou tal ostentação como presunçosa e preferiu, antes, o caminho da humildade. (TENNEY, 2010, p. 182)

1.3 A Terceira Tentação

Segue o texto bíblico referente a terceira tentação segundo o Evangelho de Mateus, e segunda tentação segundo o Evangelho de Lucas.

⁸Novamente o Diabo o levou a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles; ⁹e disse-lhe: Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares. ¹⁰Então ordenou-lhe Jesus: Vai-te, Satanás; porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás. (Mat 4:8-10)

¹Então o Diabo, levando-o a um lugar elevado, mostrou-lhe num relance todos os reinos do mundo. ²E disse-lhe: Dar-te-ei toda a autoridade e glória destes reinos, porque me foi entregue, e a dou a quem eu quiser; ³se tu, me adorares, será toda tua. ⁴Respondeu-lhe Jesus: Está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás.

Sobre um monte muito alto, sem referencia própria de localização, Jesus foi levado por Satanás para dali tenta-lo. A gloria dos reinos da terra lhe foi apresentada, uma visão lampejante que segundo o Dr. Robertson, citado por Gioia, deveria ser parcialmente mental e imaginativa, pois, Satanás havia mostrado todos os reinos do mundo. Entretanto, isso não classifica todas as partes da visão como subjetivas. (GIOIA, 1969 p.53)

Gioia também acredita que a oferta de Satanás em dar todos aqueles reinos era uma mentira de Satanás. Porque a Deus pertence o universo por direto de criação. “Do Senhor é a terra e a sua plenitude; o mundo e aqueles que nele habitam” (Salmos 24:1), Também, porque Satanás não é o criador, mas uma criatura. O inimigo desde o princípio mostrou seu caráter traçoeiro quando enganou o primeiro homem, que por cobiça, no uso de seu livre arbítrio e espontânea vontade obedeceu a



Satanás, pecando contra Deus em desobediência. Desde então, o homem passou a ser escravo do pecado. A consequência foi que “Sabemos que somos de Deus, e que o mundo inteiro jaz no Maligno.” (1 Jo 5.19). (GIOIA, 1969 p.53)

Segundo o Comentário do Novo Testamento da CPAD, Satanás domina sobre os reinos deste mundo.

Os reinos do mundo estão sob o domínio de Satanás (Jo 12.31). Ele sabia que um dia Jesus iria reinar sobre a terra (Fp 2.9-11). Sua tentação era basicamente: “Por que esperar? Posso te dar tudo isso agora!” Satanás tentou Jesus a receber o reino da terra naquele exato momento, antes de executar seu plano de salvar o mundo do pecado. Para Jesus, isso significava alcançar o prometido domínio sobre o mundo sem passar pelo sofrimento e pela morte na cruz. Satanás estava oferecendo um atalho indolor. Mas ele não entendia que o sofrimento e a morte faziam parte do plano de Deus o qual Jesus havia decidido obedecer. (RIBAS, 2009, p. 32)

O comentário da Bíblia King James também segue a mesma perspectiva do Comentário do Novo Testamento da CPAD. Cita que:

Satanás, como príncipe do sistema econômico, político e social do nosso planeta (em grego, Kosmos, que significa: mundo), estava em seu direito ao ofertar a Jesus as glórias de todos os reinos da terra, pois de fato estes lhe foram entregues por algum tempo (Jo 12.31; 1 Jo 2.15; 5.19; Jo3.19; Tg 1.27;4.4). Jesus manteve-se, porém, íntegro e fiel, resistindo e vencendo a tentação e o tentador. (BÍBLIA KJA, 2012, p. 1754)

Por meio do batismo Ele cumpriu toda a justiça, e pela tentação sua Justiça foi provada. Antes de iniciar seu ministério de destruir o poder de Satanás nas vidas dos seres humanos, foi necessário que Ele vencesse o Inimigo no campo de batalha da sua própria vida na terra (Hb 2.18; 4.15). A magnitude de toda essa batalha se observa no fato de que anjos vieram servi-lo (Mat. 4.11, Lc 22.43). Em menos grau, cada discípulo que é chamado a uma missão desafiadora no Reino e impactante no mundo deve estar



preparado para semelhante conflito e vitória. (BÍBLIA KJA, 2012, p. 1838)

As três passagens de Deuterônimo citadas por Jesus (Mat 4, 4,7,10), mostra em seu contexto que Israel havia falhado nas provações passadas. Jesus mostra ao inimigo, que mesmo que Israel tivesse falhado no passado, isso não aconteceria com Ele. (RIBAS, 2009, p. 32)

O comentário da Bíblia de Jerusalém traz uma visão profunda em relação à ética judaica interpretada por Mateus pelo mandamento de amar a Deus.

Aí conhecem três tentações destacadas por três citações tomadas de Dt 6-8, capítulos dominados (conforme a ética de Mt) pelo mandamento de amar a Deus: Dt 6,5. As três tentações, a primeira vista enigmáticas, podem ser compreendidas à luz da tradição judaica que interpreta Dt. 6,5 como tentações contra o amor de Deus, valor supremo. a) Não amar a Deus “de todo o seu coração”, isto é, não submeter-se os próprios desejos interiores a Deus, é rebelar-se contra o alimento divino, o maná. b) Não amar a Deus “de toda tua alma”, isto é, com tua vida, teu corpo físico, até o marítimo, caso necessário. c) Não amar a Deus “com toda tua força”, isto é, com tuas riquezas, aquilo que possui teus bens exteriores. No fim, Jesus aparece como aquele que ama a Deus perfeitamente. (BÍBLIA JERUSALÉM, 2012, p. 1708)

O desejo de Satanás de ser Deus constitui o ápice de sua blasfêmia, “se prostrado me adorares”. Jesus novamente usa as Escrituras, e diante de tamanha blasfêmia, expulsa Satanás de sua presença.

Após Satanás ser mandado embora, vem o conforto de Deus, com os anjos servindo-o.

“Então o Diabo o deixou; e eis que vieram os anjos e o serviram” (Mat 4:11).

“Assim, tendo o “Diabo acabado toda sorte de tentação, retirou-se dele até ocasião oportuna”. (Lc 4:13).

“E esteve no deserto quarenta dias tentado por Satanás; estava entre as feras, e os anjos o serviam.” (Mc 1:13).



Satanás iria atacar Jesus em outros momentos registrados nos Evangelhos: por meio de pessoas, por meio dos seus inimigos, e até pelos seus discípulos, culminando no Guetsêmane e na Cruz, quando Jesus declara sua vitória na consumação. (GIOIA, 1969, p. 54)

Tenney ao interpretar a tentação a qual o Diabo levou Jesus a um monte bem alto, estabelece novamente sua visão política dos fatos ocorridos, interpreta como sendo “a aquisição de poder”. O poder envolvia a adoração ao Estado por meio de seu imperador.

Quando Satanás pediu a adoração de Jesus como o preço do império mundial, Ele se recusou, Não poderia haver qualquer acordo entre o reino deste mundo e o Reino de Deus, do qual só Ele pode ser o soberano. (TENNEY, 2010 p. 182)

Segundo Tenney, “o ministério de Jesus foi, portanto, uma reação contra o autoritarismo e clima materialista que a política de Roma criara” (TENNEY, 2010, p. 182). Essa visão exclusivamente política temporal do ministério de Jesus não configura o padrão de uma análise que tenha o método gramático-histórico em suas interpretações bíblicas.

2. ANÁLISE CONSTRUTIVA DOS SINÓTICOS

A segunda tentação citada por Mateus, em Lucas ela é narrada sendo a terceira. Gioia diz que essa diferença não representa discordância na semântica textual. Visto que ambas foram inspiradas pelo Espírito Santo, a importância se encontra no fato em si e não em sua ordem. (GIOIA, 1969, p. 53)

Na citação do texto de Deuteronômio 6:16 por Cristo em Mat 4.7 aparece a frase “Não tentareis o Senhor vosso Deus”, porém sem sua continuidade, “como o tentastes em Massá”. Jesus ateve-se somente ao mandamento excluindo a referência de localização do versículo, dando ênfase ao que interessava declarar, o fundamento do qual Satanás conhecera muito bem, porem buscava enganar a Jesus.

Dos três evangelhos sinóticos, Mateus é o evangelho que mais dá informação sobre a passagem da tentação de Cristo. Feine citado por Mauerhofer ao se referir a Mateus diz que:



Ele visa a comprovar que Jesus é o Messias profetizado no AT, o Legislador divino que leva o AT ao cumprimento. A fé cristã constitui a consumação da “teocracia (do AT), e a igreja cristã de Jesus [...] na qual chega à consumação a vontade de Deus com a humanidade. (FEINE, 1930, p. 46)

Quanto aos destinatários de Mateus, Mauerhofer apresenta o texto de Eusébio para esclarecer que este se baseia fortemente na análise da autoria significando que o autor era judeu e escreveu para judeus.

Quando Mateus, que pregava inicialmente aos hebreus (i.e., aos judeus em Jerusalém e na Palestina), pretendia dirigir-se também a outros povos, anotou em sua língua materna o evangelho chamado segundo ele. Desse modo, visava dar aos que deixava para trás um substituto escrito pela falta de sua presença pessoal. (EUSÉBIO apud MAUERHOFER, 2010, p. 105)

O Evangelho de Marcos é sucinto quanto à passagem da tentação, isso ocorre devido a sua finalidade. Marcos redigiu um evangelho que transmite a alegre mensagem de Jesus Cristo, dando maior ênfase às suas últimas três semanas de vida (cerca de um terço de todo o evangelho) sendo a cruz e a ressurreição os pontos axiais do evangelho. (GUTHRIE apud MAUERHOFER, 2010, p. 139)

Segundo Mauerhofer Lucas não foi o primeiro a propor escrever uma narrativa da vida de Jesus, possivelmente já conhecia a versão de Mateus em Aramaico. Seu objetivo era obter atestações da tradição com base segura das fontes (testemunhas oculares). Um exemplo é a passagem que não consta nos outros evangelhos, como a de Maria que guardava em seu coração as palavras do anjo, acerca do menino Jesus aos 12 anos (Lc 2.51b) ou a palavra “Salvador” que não consta nos outros sinópticos somente uma vez em João. Fica claro também o grande interesse nos mais diversos grupos étnicos e indivíduos. O objetivo de Lucas é dar validade universal ao evangelho. (MAUERHOFER, 2010, p. 139, 176-180)



3. ANÁLISE GEOGRÁFICA

O deserto da Judéia está localizado na parte ocidental de Jerusalém até o Vale do Jordão. Ela consiste em uma região montanhosa e árida. Essa região é desprovida de chuva na maior parte do ano devido sua localização. Ela está na parte cortada pelo cume central das montanhas, impedida de receber umidade dos ventos oeste, que depositam a maior parte das chuvas sobre a planície de Sarom e pelo lado ocidental do platô. No período do verão não se vê nenhum tipo de planta ao longo da estrada que leva de Jerusalém e Jericó. Esta é uma região muito inóspita, formada por penhascos rochosos e solo totalmente seco. (TENNEY, 2010 p. 182)

A tentação no deserto, provavelmente aconteceu em um monte alto (possivelmente em um dos precipícios íngremes próximos a Jericó). Na segunda tentação, Jesus foi levado até a parte mais alta do templo (o pináculo), onde os sacerdotes soavam as trombetas para chamar a atenção da cidade quando ocorriam acontecimentos importantes.

O templo com sua área, completa, fora reconstruído por Herodes, o Grande, e durante as reformas, o pátio foi bastante aumentado. Para isso, uma plataforma enorme foi erguida, a fim de compensar o forte declive do terreno no lado sudeste. Um enorme muro de contenção, feito de pedras volumosas, foi construído para suportar a plataforma. Nessa plataforma, estavam o templo construído, varandas e pátios, tudo flanqueado por belas colunas. (BÍBLIA BEA, 2013, 2013, p. 1563)

Fillion diz que muito foi pensado em qual parte do Templo se encontrava o pináculo. Uma hipótese seria no Pórtico de Salomão na parte oriental, e outra seria no Pórtico Real na parte meridional do Templo.

Do Pórtico Real, escreveu Josefo, que quem, desde o alto, olhasse para baixo, contemplava tão profundo abismo que causava vertigem. O próprio historiador Eusébio de Cesaréia, em sua História Eclesiástica, conta também, mesmo não indicando exatamente o lugar, que, do



pináculo do templo, Tiago irmão de Jesus, foi precipitado mais tarde pelos judeus. (FILLION, 2008, p. 316)

Apesar de Marcos resumir a passagem da tentação, ele fornece uma informação diferencial que alude ao ambiente que Jesus vivera em jejum por quarenta dias. “vivía entre as feras” (Mc 1.13). Ainda hoje é abundante naquela região, os chacais, as hienas, os abutres, as raposas e outros animais de rapina. (FILLION, 2008 p. 314)

4. APLICAÇÃO CONTEMPORÂNEA

4.1 A Tentação de Sentir

A tentação é o meio pelo qual o inimigo tenta persuadir o ser humano a pecar contra Deus. Ser tentado não constitui pecado, mas cair na tentação sim.

¹³Entretanto, ninguém ao ser tentado deverá dizer: “Estou sendo tentado por Deus”. Ora, Deus não pode ser tentado pelo mal, e a nenhuma pessoa tenta. ¹⁴Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por esse iludido e arrastado. ¹⁵Em seguida, esse desejo, tendo concebido, faz nascer o pecado, e o pecado, após ter se consumado, gera a morte. Deus nos gerou para abençoar. (Tiago 1.13-15)

¹⁶E não nos conduzas à tentação, mas livra-nos do Maligno. Porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém. (Mat. 6.13)

Na primeira tentação, Jesus dá um grande exemplo de como os homens devem agir diante das provações do inimigo. Ao fazer uso das Escrituras, Jesus como em muitas outras passagens que ainda haveriam de acontecer - incluído o sacrifício da crucificação - dá o exemplo primeiro. A mensagem de que a resposta para vitória da luta dos cristãos contra Satanás é encontrada somente nas Escrituras se encontra nas entrelinhas desta passagem da tentação de Cristo.

Os cristãos herdaram tanto a bênção como a missão de Abraão, se tornando filhos de Abraão, e tem a missão de levar as bênçãos de Deus através da obediência sacrificial da fé a todas as nações. Tal chamado



inclui pelo exemplo de Abraão, “andar nos caminhos do Senhor”, “praticando justiça e juízo”. Essa justiça e retidão personifica o caráter de Deus, a ética bíblica a ser seguida pelos cristãos na luta contra toda forma de opressão e injustiça. (WRIGHT, 2012, p. 96- 97, 102)

A justiça que Deus espera dos cristãos é a mesma que Ele esperava dos judeus, que fizessem pelo próximo o mesmo que Ele fez por eles, deu perdão, remi-os tirando da escravidão do Egito, e os alimentou no deserto (WRIGHT, 2012, p. 106).

[Ele] não faz acepção de pessoas, nem aceita suborno; que faz justiça ao órfão e a viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestes. Amai, pois, o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito. (Deut. 10.17-19)

4.2 A Tentação de Ser

Nesta segunda tentação de Mateus e terceira de Lucas, Satanás inflige a Jesus algo muito comum entre os humanos, à posição de confiança presunçosa de que Deus o protegeria. Essa questão que parece ser inocente aos olhos de muitos crentes, por não parecer um mal que fere diretamente o próximo, em verdade, abafa o sentimento que aproxima o crente de Deus, a humildade. Esta abre caminho para comunhão pessoal e verdadeira com Deus, juntamente com a obediência e o temor.

O cristão pode ser tentado a querer “ser”, e usar o nome de Deus para esse propósito, em palavras e ações, porém o único “Eu sou” é Deus, e o pecado de querer “ser” foi o pecado de Satanás quando era um arcanjo do Senhor, assim como, o pecado de Adão, quando obedeceu a Satanás em querer ser igual a Deus. Quão Grande é o Senhor, que apesar do homem cometer o erro de querer ser Deus, perdoa-o, e ainda se fazer carne, e se colocar no lugar dele para morrer em seu lugar.

Em todos os ataques de Satanás a Jesus, ele tentou fazer com que Jesus evitasse o sofrimento que Deus reservou a Ele. A sugestão de Satanás, foi que Jesus o fizesse em um estilo triunfalista e de auto-glorificação. (CARSON; BEALE, 2014, p. 18) A glória e a soberba é um mau humano, que confere a Satanás o destino político, econômico e



social do mundo. Tentar a Deus é uma falta de fé na sua provisão e uma rebelião contra Deus pela arrogância humana.

4.3 A Tentação de Ter

Os bens materiais excitam ao máximo as almas humanas em seu desejo de possuí-las e desfrutá-las, o Diabo contava com a possibilidade de despertar tal cobiça no coração de Jesus. As três propostas utilizadas por Satanás para seduzir, com espírito infernal, Jesus a pecar, são como uma semente de todas as outras. A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida. (FILLION, 2008 p. 319)

Cabe ao povo de Deus ser um povo separado, santo. A característica do povo de Deus não é somente religiosa, mas também ética, tanto no âmbito público como religioso. Ser sal que preserva a carne da podridão do pecado e luz que afasta as trevas são critérios essenciais para o uma vida segundo a vontade de Deus. (WRIGHT, 2012. p. 283)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As provações sempre serão uma parte ativa para vida do cristão, pois é através delas é que o cristão tem a possibilidade de crescer espiritualmente. Também é um motivo de medo ao homem, porém, a própria Palavra apresenta uma preciosa promessa em relação às provações.

Não vos sobreveio nenhuma tentação, senão humana; mas fiel é Deus, o qual não deixará que sejais tentados acima do que podeis resistir, antes com a tentação dará também o meio de saída, para que a possais suportar. (1 Cor 10:13)

Jesus dá o exemplo em todas as coisas, inclusive em como Ele enfrentou a Satanás. As principais armas usadas por Jesus foi, a fé, o entendimento da Palavra, e a oração constante. Pelo conhecimento da Palavra é que se entende a vontade de Deus, por meio da oração é que se tem comunhão com Deus e pela fé que se tem a força para enfrentar todas as provações.



Quanto a passagem da Tentação de Mat 4,5-6 e Lc 9-11, onde Satanás leva Jesus até o pináculo do templo e cita parte do salmo 91:11, Satanás incita o ego humano de Jesus a tentar a Deus. Deve-se levar em conta que não existe em um salmo somente o compêndio de toda a verdade teológica. Quando se avalia o conjunto das passagens bíblicas, se percebe que o justo sofre. Outra questão muito importante a ser colocada, é que, o que existia sob a Aliança mosaica era uma “teologia de bênção terrena por causa da obediência”, isso refletia as medidas pela qual Deus havia adotado em relação ao relacionamento com o povo de Israel, as quais não foram transferidas automaticamente à Nova Aliança. (CARSON, 2014 p. 19) A teologia triunfalista que testa Deus com a “palavra de afirmação”, os quais declaram seus desejos pela boca, como ordenança de fé, para que Deus os realize, é um engodo satânico, como os da tentação ao povo de Israel no deserto e a Jesus. Cabe a meditação do todo histórico Bíblico para perceber que Deus nunca criou uma “Igreja mimada”, mas uma Igreja sacrificial, e por isso deu exemplo próprio se fazendo carne e sofrendo no lugar do homem, mesmo sem o homem merecer. Cabe ao cristão não somente entender o significado da palavra “cristão”, que é “imitador de Cristo”, mas meditar e viver esse conceito para quando se encontrarem em meio às tentações, aja segundo a vontade de Deus, e não a vontade de Satanás.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Arqueológica** - Faça uma jornada visual através da vida e dos tempos bíblicos. São Paulo, Editora Vida, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo, Paulus, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia King James Atualizada**. Edição de estudo - 400 anos. São Paulo: Abba Press Editora e Divulgadora Ltda, 2012.

CARSON, D. A.; BEALE G. K. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *Demonstration Evangélica*. In GCS, v 23.



FEINE, P. **Einleitung in das Neue Testament**. 5. Ed. Leipzig: Quelle & Meyer, 1930.

FILLION L-C. **Enciclopédia da Vida de Jesus**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

GIOIA, E. **Notas e Comentários à Harmonia dos Evangelhos**. Rio de Janeiro: JUERP, 1969.

GUTHRIE, D. **New Testament Introduction**. 4 ed. Ver. Leicester: Apollos: Downers Grove: InterVarsity, 1990.

MAUERHOFER, E. **Uma introdução aos Escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

RIBAS, D. **Comentário do Novo Testamento** - Um guia de aplicação da Bíblia para a vida diária. Rio de Janeiro, CPAD, 2009.

TENNEY, M. C. **Tempos do Novo Testamento** - Entendendo o mundo do Primeiro Século. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

THOMAS, R.; GUNDRY, S. **Harmonia dos Evangelhos** - Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2001.

WRIGHT, C. J. H. **A Missão do Povo de Deus** - Uma teologia bíblica da Missão de Igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

